

CRENDICES e SUPERSTIÇÕES



O FOLCLORE DO MESTRE ANDRÉ

Marcelo Xavier

Fotografia
Gustavo Campos

Conforme a nova ortografia

7ª edição



Formato

Selecionado para o Salão Capixaba – ES/2005
Selecionado pela Secretaria de Educação e Cultura de
Vitória – 2005
Selecionado pela Fundação Luís Eduardo Magalhães
Selecionado para o Programa “Fome de Livro”,
da Fundação Biblioteca Nacional
Selecionado para o Programa “Mais Cultura”,
do Ministério da Cultura/Fundação Biblioteca Nacional

AGRADECIMENTOS

*Carla Xavier
Olívia
Eduardo Eckenfels*

*Para o Carlos Alberto, Cezar Augusto e Ronalde,
pela amizade e o apoio de sempre.*

Foi na loja do Mestre André
que eu comprei uma cornetinha.

Tá, tá, tá, uma cornetinha,
ai-olé, ai-olé, foi na loja do Mestre André.

Foi na loja do Mestre André
que eu comprei um pianinho.

Plim, plim, plim, um pianinho,
tá, tá, tá, uma cornetinha,
ai-olé, ai-olé, foi na loja do Mestre André.

Foi na loja do Mestre André
que eu comprei um tamborzinho.

Tum, tum, tum, um tamborzinho,
plim, plim, plim, um pianinho,
tá, tá, tá, uma cornetinha,
ai-olé, ai-olé, foi na loja do Mestre André.

Foi na loja do Mestre André
que eu comprei um violão.

Dão, dão, dão, um violão,
tum, tum, tum, um tamborzinho,
plim, plim, plim, um pianinho,
tá, tá, tá, uma cornetinha,
ai-olé, ai-olé, foi na loja do Mestre André.

Foi na loja do Mestre André
que eu comprei uma sanfona.

Fon, fon, fon, uma sanfona,
dão, dão, dão, um violão,
tum, tum, tum, um tamborzinho,
plim, plim, plim, um pianinho,
tá, tá, tá, uma cornetinha,
ai-olé, ai-olé, foi na loja do Mestre André.

.....

(Cantiga do folclore brasileiro; trecho citado de memória.)

Todo janeiro, a fazenda dos meus avós, no interior de Minas, ficava estufada de primos e tios. Nada de compromissos, nada de horários. Férias! Você conhece bem o sabor dessa palavra, não é mesmo? Os dias começavam com uma bela mesa de café e depois era só brincar, brincar e brincar. À noite, eram as rodinhas aconchegantes em volta de um tio – e tome histórias de assombração. Assim era dia após dia, sempre deliciosamente iguais.

Numa certa tarde de sol muito quente, brincávamos de jogar pião no terreiro quando, de repente, uma batida forte de tambores veio vindo da estrada de terra que chegava na fazenda. Interrompemos imediatamente a brincadeira, levantamos as orelhas e espichamos os olhos na direção daquele som estranho. Na curva da estrada surgiu, então, uma figura mascarada vestindo uma roupa larga e estampada, cheia de fitas coloridas. A coisa rodopiava e dava saltos, sacudindo uns chocalhos amarrados na cintura, nos pulsos e nas canelas. Pra mim aquilo era o demônio, que vinha cobrar nossos pecados. Eu tremia dos pés à cabeça.

A dança agitada daquela figura levantava uma poeira amarela, que a luz do Sol transformava em efeito especial. No meio da poeira, logo atrás do mascarado, vinham os músicos tocando viola, violões, tambores e pandeiros. Acima de tudo, uma bandeira vermelha presa a um mastro fazia aquela nuvem de poeira e gente parecer um barco maluco se arrastando pela estrada.

Chegaram até junto da sede da fazenda, tocaram, cantaram com uma voz aguda feito ponta de agulha, tomaram café com queijo, broa de fubá, biscoitos, e se foram. Meu coração não parou de pular um minuto.

Um tio me disse que aquilo era folclore.

Passei anos com medo do folclore.

Muito tempo depois, soube que havia assistido, naquelas férias, à passagem de uma autêntica Folia de Reis – uma das mais belas manifestações do folclore brasileiro.

Quando aceitei o desafio de fazer esta coleção, me lembrei, imediatamente, daquela tarde na fazenda. A imagem daquele palhaço mascarado saltando e chacoalhando no meio da poeira, que tanto me apavorou, hoje é uma das minhas mais belas lembranças.

Com este trabalho, quero que você também conheça coisas fantásticas como a Folia de Reis e muitas outras maravilhas do nosso folclore.

Acho importante você saber que o folclore não é apenas uma coisa do passado, da tradição. Ele é vivo e está presente no seu dia a dia, muito mais do que você imagina. Está na sua moeda da sorte, nos apelidos da sua turma de colégio, nas gírias, nas suas superstições, em algumas coisas que você come, em gestos, jogos, brincadeiras ou festas que você frequenta. Por isso é tão importante conhecer o folclore. Ele está ligado à nossa vida de um jeito muito forte.

Outra coisa que me empolgou neste projeto foi o fato de poder mostrar imagens do nosso folclore através da técnica de modelagem que venho desenvolvendo há tempos. Fazer de massinha todas aquelas figuras e objetos do folclore seria fantástico. Trazer para perto da minha – da sua – mão, de uma certa forma, aquela maravilhosa Folia de Reis...

Portanto, se você encontrar, no lugar onde trabalho, uma pequena caixa, não abra. Podem pular lá de dentro o Saci, o Curupira, capetinhas e outras figuras muito estranhas que vão aprontar com você.

Se quiser mesmo encontrá-los, abra este livro. É mais seguro...

MARCELOXAVIER



Mestre André é um contador de histórias que parece saber um pouco de tudo. Mora no alto de uma ladeira, numa daquelas casas com jardim, quintal, sótão, porão, varanda, biblioteca e piano.

Todo fim de tarde, ele reúne as crianças da rua para falar de coisas como o mundo dos dinossauros, a vida no Polo Norte, o surgimento da escrita, histórias da Índia, da China e até do Cazaquistão.

Cada assunto tem o seu lugar na casa. Coisas da Natureza são no quintal. Casos de gente ou de bichos, na cozinha. Histórias antigas, na biblioteca.

Mestre André conta essas histórias apontando para um enorme globo terrestre sobre sua mesa. Abre livros, mostra gravuras, arregala os olhos, muda a voz. Mestre André é um pouco ator, um pouco sábio, um pouco louco e um pouco mágico.

Enquanto fala, as crianças, de tão encantadas, grudam os olhos nele, como âncoras, para não saírem voando pela janela.

– Venham comigo. Vamos ao Nordeste do Brasil, conhecer João Boa-Sorte e sua história cheia de crendices e superstições. Aliás, um dos assuntos mais interessantes do nosso folclore.

